

52

GLOSA
DE
BERNARDO VIEIRA RAVASCO,

IRMÃO MAIS NOVO

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA,

AO

SONETO DE CAMÕES

Horas breves de meu contentamento:

COM ANTELOQUIO

DO

PROFESSOR DECANO DO LYCEU BRACARENSE

Vereia-Caldas



BRAGA
TYPOGRAPHIA DE GOUVEA
—
1884



originalidade localistica; em linguagem corrente e cadenciosa; e sem disparatados eivamentos gongoristicos.

III. — Na plana de « primeiro » dos « poetas seiscentistas » em *data de nascimento*, festeja o BRASIL « como nós » a *Gregorio de Mattos Guerra*, conhecido usualmente como *Gregorio de Mattos* apenas — nome do *pae* d'elle, oriundo de nobre estirpe dos *Arcos de Val-de-Vez*, aqui na provincia do MINHO.

Nasceu na *Bahia* tambem — nos annos de 1633 — este *satyrico affamado* como BOCCA DO INFERNO, e sem duvida *omittido* por isso em *Diogo Barbosa Machado* na BIBLIOTHECA LUSITANA — tendo por irmão mais velho a *Eusebio de Mattos*, *jesuita* primeiramente, e *carmelita* por ultimo, com o « nome religioso » de *Fr. Eusebio da Soledade*.

IV. — Como o *primeiro* dos « poetas brasileiros » em *serie geral*, avulta entre todos *Bento Teixeira Pinto*, nascido em PERNAMBUCO em 1580 — quando entre nós em LISBOA descia á « *campa* » o CAMÕES.

Das « *poesias avulsas* » d'este *pernambucano* affamado — conhecido apenas como *Bento Teixeira* usualmente; e *portuguez de lei*, como em territorios nossos nascido então — nem uma palavra sequer se acha em *Innocencio* no DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO — ao fallar-nos d'elle no CORPO da OBRA, e até no SUPPLEMENTO ainda.

V. — Acham-se entanto *poesias* de *Teixeira* na FENIX RENASCIDA — de que devemos a « *colleccção* » ao « *livreiro lisbonense* » *Mathias Pereira da Silva*, em 5 volumes em 8.^o, em *duas edições* conhecidas dos *amadores*.

Nem são POESIAS *somenos*, que o « *poemeto* » PROSOPOPEA a *Jorge d'Albuquerque Coelho* — em OITAVAS — annexo á valiosa RELAÇÃO DO NAUFRAGIO da nau SANCTO ANTONIO, sahida de PERNAMBUCO, em 1565.

VI. — De *Bernardo Vieira Ravasco*, não depa-ramos com sombra sequer, nem no *DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO* do *Innocencio*, nem no *Manual Bibliographico* do *Ricardo Pinto de Mattos*.

Menos é de notar entanto esta omissão nos DOIS, do que nas *monographias camonianas* do TRICENTENARIO do nosso *Homero* — onde nunca os coordenadores d'ellas o deveriam olvidar.

VII. — Alludimos á *Bibliographia Camoniana* do *Dr. Theophilo Braga*, editada em luxuoso esmêro pelo *Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro*, na solemnisção do TRICENTENARIO CAMONIANO, em 10 de Junho do anno de 1880: — pois *uní-eamente* nos apparece ahí, como uma GLOSA ANONYMA, na pag. 97.

Alludimos igualmente ao *Catalogo da Exposição Camoniana* do *Palacio de Crystal* do Porto, na mesma SOLEMNISAÇÃO TRICENTENARIA — apesar de ter entre os coordenadores a *Tito de Novonha* e *Joaquim de Vasconcellos*, cultores ambos dos estudos bibliographicos.

Alludimos ainda enfim ao *Catalogo da Camoniana* da *Bibliotheca Publica* do Porto — coordenação de *Ricardo Pinto de Mattos*, catalogographo indefesso do estabelecimento, e com amor summo de coração.

VIII. — Não é no entanto n'essas MONOGRAPHIAS somente, que deixa de apparecer *Bernardo Vieira Ravasco* — embora com sobrado jús a figurar inscripto n'ellas.

Não apparece ainda no CATALOGO da *Collecção Camoniana* de *José do Canto* — exposta ao publico em *Ponta-Dealgada* na ilha de *S. Miguel*, na bibliotheca da cidade — na occasião solemne do TRICENTENARIO CAMONIANO.

Não apparece enfim no *Visconde de Juromenha* — *Obras de Camões* — onde era d'esperar não deixasse d'apparecer, no meio do *catalogo poly-*

graphico dos exalçadores do nosso HOMERO — attentos os *delongados exames* do *illustrado titular* n'esse intuito, no paiz e no estrangeiro.

IX. — Na *Bibliotheca Lusitana*, occupa-se de *Bernardo Vieira Ravasco* o « *Abbate de Sever* » — *Diogo Barbosa Machado* — no respectivo artigo alphabetico.

Ahi o elogia *rasgadamente*, como irmão condigno do *Padre Antonio Vieira* — « ornamento litterario da *Companhia de Jesus* » — e como filho por conseguinte de *Christovão Vieira Ravasco*, e *D. Maria de Azevedo*.

X. — O que não disse ahi *Barbosa Machado* — e poderia dizer então, attentos os *muitos auxilios* em seu favor — é ser « neto » *Bernardo Vieira Ravasco*, « em linha paterna », de *Balthazar Vieira Ravasco*, familiar da *Casa d'Unhão*, natural de MOURA no *Alentejo*; e « em linha materna », de *Braz Fernandes d'Azevedo*, homem nobre, oriundo de LISBOA.

Tudo poderia até vêr o *Abbate de Sever*, nas *Respostas* do *Padre Vieira* aos *Interrogatorios* da *Inquisição de Coimbra* a elle — em 20 de Outubro de 1663 e em 20 de Novembro de 1668: — além de poder vêr ainda tambem, o ser de SANTAREM o pae do *Padre* e de *Bernardo*, e não oriundo de *Moura*, como na *Vida do Padre Vieira* assevera o *Padre André de Barros*.

XI. — Na *Fénix Renascida* — coordenação poetica do « *livreiro lisbonense* » *Mathias Pereira da Silva*, iniciada em 1716 — acha-se de *Bernardo Vieira Ravasco* no Tom. V., « desde pag. 273 a pag. 277 », uma GLOSA AO SONETO DE CAMÕES:

« Horas breves de meu contentamento »

—soneto ahi mesmo transcripto na pag. 272, e nem sempre como do CAMÕES « acolhido ».

Mas nem *ahi* o viram os *monographistas* alludidos de nós; nem ainda o viram tam pouco — desde 1843 — no *Parnaso Brasileiro* de João Manuel Pereira da Silva, « escriptor fluminense de afamado renome, e vulgarissimo nas mãos dos amadores das letras ». — E no entanto *ahi* o achariam no Tom. I. Pag. 54 — achando de Pag. 55 a Pag. 59 a GLOSA respectiva.

XII. — No alvo de sanarmos esta *omissão bibliographica* — em homenagem ao nosso CAMÕES, e aos *camonistas* com ELLE — aqui reproduzimos a alludida GLOSA de Bernardo Vieira Ravasco, « tal e qual » a encontramos na *Fênix Renascida*.

Não nos importamos por isso — « n'esta occasião » — com as VARIANTES do *texto camoniano*, occorrentes « essencialmente » nos LUGARES em ITALICO notados de nós.

XIII. — Aos « esmerilhadores » de CONSONANCIAS POETICAS, tornar-se-ha sem duvida reparavel, o *rhythm*ar-se MENOS com MENOS na oitava segunda, e corre com corre na oitava decima quarta, na GLOSA de Bernardo Vieira Ravasco.

Não era no entanto *desusual* outr'ora — « ainda nos poetas mais sublimados » — esta *metrificação* de *consonancia univoca*.

No Soneto XIII — « em coordenação antiga » — *rhythmou* CAMÕES flores com flores; no Soneto XCVIII, consentisse com consentisse; no Soneto CXVII, parte com parte; no Soneto CLXI, estava com estava; e no Soneto CLXXXVI, ardia com ardia: — para não fallarmos de polo e apollo, por exemplo, no SONETO CLXXXVII.

XIV. — Mas apesar de SENÕES d'estes na GLOSA de Bernardo Vieira Ravasco — sem ainda d'outros nos occuparmos por ventura — não é « sem meritos » ELLA, ainda á luz da critica mais apurada. — E por

isso temos para nós com o proprio CANTOR DO GAMA
— LUSIADAS, CANT. V. EST. C:

« Que por esta, ou por outra qualquer via,
« Não perderá seu prego e sua valia »

Braga, 10 Junho 1884.

O Decano do Lyceu, *Pereira Caldas.*



SONETO

DE

LUIZ DE CAMÕES

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceu quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tam asinha
Em tam compridos annos de tormento.

As *minhas* torres que fundei no vento,
O vento as levou que as sustinha :
Do mal que me ficou, a culpa é minha,
Pois sobre cousas vans fiz fundamento.

Amor com *falsas* mostras apparece ;
Tudo possivel faz, tudo assegura,
Mas *sempre* no melhor desaparece.

Ah triste fado ! Ah grave desventura !
Por um pequeno bem que desfallece,
Aventurar um bem que sempre dura !

GLOSA.

DE

BERNARDO VIEIRA RAVASCO

I

Esperei, e esperança é morte amarga ;
E só fôrça de puro amor se atreve
Em dura ausencia a tam pezada carga,
Que no nome d'amor se torna leve :
Nunca me pareceu, que de tam larga
Esperança tirasse um bem tam breve ;
Pois foram as que se foram, como o vento,
« Horas breves de meu contentamento »

II

São os gostos d'amor, imaginados,
Mui grandes sempre ; e ficam mui pequenos,
Quando por tempo vem a ser gosados,
Porque costuma o bem ser sempre *menos* :
Nunca me pareceu, gostos passados,
Que assim vos acabasseis : pelos *menos*,
Que vos mudasseis em desgraça minha,
« Nunca me pareceu quando vos tinha. »

III

Nunca me pareceu, glorias passadas,
Que passasseis co' o bem que vou seguindo,
Com suspiros e ais, e com cansadas
Lagrymas que dos olhos vão caindo :
Nunca me pareceu, arrebatadas
Horas, causa dô mal que estou sentindo,
No tempo em que com ter-vos me mantinha,
«Que vos visse mudadas tam asinha»

IV

Nunca me pareceu, que tanta gloria
Se convertesse em mal, e que eu o vira :
Deram meus gostos fim, e d'esta historia
Sempre me lembro, sempre a alma suspira :
Se perdêra com elles a memoria,
Não me lembraram mais, não os sentira ;
Mas ficou-me com ella o sentimento
«Em tam compridos annos de tormento»

V

Nunca me pareceu, que me custasse
Tanto alcançar-vos ; e depois de ter-vos,
Nunca tive receio que chegasse,
Co' o tempo vario, o tempo de perder-vos :
Cuidei que tanto bem nunca acabasse ;
Não soube no principio conhecer-vos ;
Mas já agora desfez o entendimento
«As minhas torres, que fundei ao vento»

VI

Quanto fingia, a tudo assegurava :
De nada me temi, vendo-me posto
Aonde, em quanto a alma se elevava,
Dava signal de bem, de gloria e gôsto :
Mas quanto mais a vista se empregava
Na falsa luz do sol, o vi transposto ;
Que as falsas causas d'esta gloria minha
«O vento as levou, que as sustinha»

VII

Mil noites padeci d'ausencia dura
Por um só dia, que — amanhecendo —
Logo a sombra senti da noite escura,
Que veio antes de tempo anoitecendo :
Quam tarde chega um bem, quam pouco dura,
Á vista de meu mal vou padecendo :
E pois não vi o mal, que depois vinha,
«Do mal que me ficou, a culpa é minha»

VIII

A culpa minha é ; e bem pudera
Culpar do breve tempo a brevidade :
Foi breve aquelle : se outro tal viera,
Perdêra do passado a saudade :
Tam saudoso do bem fiquei, que dera,
Se minha fôra, a minha liberdade
Pelo tornar a vêr ; mas brado ao vento,
«Pois sobre cousas vans fiz fundamento»

IX

Mil lagrymas me custa um desengano,
De que me desengana um accidente ;
Que na perda do bem se sente o damno,
Se não se perde a vida junctamente :
Não queira bem, quem não quer desengano :
Não ha mór mal, que o bem que é apparente :
E se é mal grande o mal, que bem parece,
« Amor com falsas mostras apparece »

X

Segui amor aonde me guiava ;
Mostrou-me não sei que, que inda desejo :
Mas se era cego — como me mostrava,
Ou como então não via, o que ora vejo !
Vi, e não vi o mal que me esperava ;
Porque — quem vae levado d'um desejo
Que amor accende, e já acceso apura,
« Tudo possivel faz, tudo assegura »

XI

Tudo assegura, tudo facilita,
Impossivel por propria natureza :
Com vozes mudas a razão nos grita ;
Não queremos ouvir, depois nos pêza :
Esperança adoramos infinita,
Não mais que por seguir a falsa empreza,
Que um thesouro de bens nos offerece,
« Mas sempre no melhor desaparece »

XII

Já passaram por mim estas verdades,
Mas inda tenho saudades d'ellas :
Não sei que fôrça esta é a ter saudades
De cousas, que não ha para que tel-as !
Sae o piloto d'entre as tempestades,
E logo torna a dar ao vento as velas,
Deixando pelo mar terra segura :
« Ah triste fado ! Ah grave desventura ! »

XIII

N'esta tragedia da vangloria humana
Nunca entra o bem, o mal sempre é figura ;
E só com isto em fim nos desengana,
Que um voluntario mal nunca tem cura :
Quem nos leva traz si, quem nos engana
A aventurar um bem, que se aventura,
Se amor é o menor mal, a que se off'rece
« Por um pequeno bem, que desfallece »

XIV

Por um pequeno bem que vem aguado,
Por tam pequena luz que logo morre,
Aventurar um bem, que aventurado
Por tantos passos tantos riscos *corre* ;
Foi louco o pensamento — mas forçado
Um pensamento meu, que não se *corre*
Por gloria — que não tem gloria segura,
« Aventurar um bem que sempre dura »

EXEMPLAR N.º 3.

ban.
549

